

PE-187 - O AVANÇO DO SARAMPO NO PARÁ COMO RETROCESSO NAS CONQUISTAS DA COBERTURA VACINAL BRASILEIRA

Larissa Dacier Lobato Comesanha¹, Rafaella Casanova Ataíde dos Santos¹, Wanda Maria de França Pires¹, Nicole Morais Dillon¹, Aurimery Gomes Chermont¹

1 - Universidade Federal do Pará, UFPA.

Introdução: O sarampo é uma doença exantemática grave, aguda e com elevada transmissibilidade, sendo responsável por atingir grande parcela pediátrica. Em casos graves, a doença pode evoluir para complicações fatais como convulsões e lesão cerebral. **Objetivo:** Análise dos casos confirmados de sarampo da 18304, até a 438304, semana do ano de 2020 no Pará e cobertura vacinal estimada para o período entre a faixa etária de 5-19 anos. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo epidemiológico e descritivo, com uso dos dados disponíveis da 1^a até a 43^a semana de 2020 no Boletim Epidemiológico, por meio da Secretaria de Vigilância em Saúde. Foram analisados os números de casos confirmados, estimativa de não vacinados e envio de doses contra o sarampo para o Pará. Em razão de se tratar de um estudo com a utilização de dados públicos, não foi necessário a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pará. **Resultados:** Da 1^a à 43^a semana foram notificados 16.290 casos de sarampo no Brasil, com destaque para o Pará, com 5.327 casos confirmados. Estimativas do contingente de não vacinados ou com vacinação incompleta, apontam 128.874 indivíduos e, foram contabilizadas 253.153 doses para disponibilização no Estado do Pará em 2020. **Conclusão:** Há uma grande persistência de casos de Sarampo no Pará, com 32% dos totais. Tal fato possivelmente está associado à baixa cobertura vacinal ou descaso pela população residente em buscar as doses de vacina disponibilizadas em maior quantidade que a própria estimativa de não vacinados na faixa etária de 5-19 anos. A circulação ativa do vírus entre a população não imunizada pode influenciar no desenvolvimento de quadros clínicos graves que demandem hospitalização e elevados custos financeiros, podendo gerar sobrecarga no sistema de saúde em casos que poderiam ser facilmente revertidos com o seguimento do plano nacional de imunização.

PE-188 - O USO DE DROGAS EM ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Ana Carolina Marinho Coelho Vasconcelos¹, Maria Fernanda Souza de Castro¹, Luciano José Fontes de Oliveira¹

1 - SUPREMA - Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, MG.

Introdução: Aproximadamente um quarto (24%) dos adolescentes relatam o uso de drogas ilícitas nos Estados Unidos. O início do uso dessas substâncias ocorre por volta dos 15 anos de idade, um estágio de alta neuroplasticidade, o que influencia, a longo prazo, no desenvolvimento neurológico. **Objetivo:** Avaliar o impacto do uso de drogas ilícitas no desenvolvimento neuropsicomotor de adolescentes. **Métodos:** Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura (entre 2019 a 2020) na base de dados indexadora PubMed, utilizando os descritores: "young people", "cannabis" e "substance". Estabeleceu-se como critérios de inclusão: estudos realizados em humanos, na língua inglesa e publicados nos últimos 5 anos. Já os critérios de exclusão foram: estudos não compatíveis com os critérios de inclusão. **Resultados:** O impacto das drogas ilícitas no desenvolvimento cerebral é relevante na adolescência. A idade de início do uso de drogas e o estágio de desenvolvimento cerebral influenciam a vulnerabilidade a danos, ou seja, há maiores danos em adolescentes do que em adultos. Somando-se, estão fatores baseados no gênero, que mostram pequena diferença entre o uso de drogas entre os sexos. O uso sustentado de drogas como: cannabis, opiáceos e psicoestimulantes, pode estar associado a disfunções: declínios na memória, fluência verbal, aprendizagem, atenção, anormalidades estruturais e funcionais no córtex frontal e sistema límbico. A maioria dos adolescentes usa o álcool, 45% cannabis, menos de 2% psicoestimulantes e 7% abordam o policonsumo de drogas. A capacidade de recuperação do cérebro após a abstinência varia, ou seja, alguns déficits permanecem semanas após o uso da droga, uns apresentam recuperação total, e outros mostram mudanças estruturais e funcionais mesmo após a abstinência. **Conclusão:** Conclui-se que o uso de drogas na adolescência afeta o neurodesenvolvimento e varia com a idade, gênero, tipo de droga e o tempo de exposição.